

ACADEMIA PORTUGUESA DA HISTÓRIA

# ANAI S

III SÉRIE

VOLUME 6

Tomo II



LISBOA



MMXXI

## **Ficha técnica:**

*Título*

Anais, III Série, Volume 6, Tomo II

*Coordenação geral e revisão de texto*

Prof.<sup>a</sup> Doutora Maria de Fátima Reis

*Processamento de texto*

Paula Mendonça

*Execução Gráfica*

Lusoimpress.com

*Tiragem*

300 Exemplares

© Academia Portuguesa da História

*Depósito Legal*

482217/21

*ISBN*

978-972-624-229-1

MANUEL HELENO, ARQUEÓLOGO: NOS  
50 ANOS DA SUA ÚLTIMA LIÇÃO

COMUNICAÇÃO APRESENTADA EM SESSÃO ORDINÁRIA  
DE 12 DE NOVEMBRO DE 2014

PELO

*Académico de Número*

JOÃO LUÍS CARDOSO



## MANUEL HELENO, ARQUEÓLOGO: NOS 50 ANOS DA SUA ÚLTIMA LIÇÃO

**M**anuel Domingues Heleno Júnior nasceu em Monte Real (Leiria) em 1894, vindo a falecer em Lisboa, em 1970. Ao longo da sua vida profícua, não foram muitos os discípulos que congregou à sua volta, na qualidade de Professor da Faculdade de Letras de Lisboa, sendo de destacar apenas três que, em memória do Mestre, se debruçaram sobre a sua vida e obras, com publicações de sua autoria ou outros contributos: Fernando Castelo-Branco, que nesta Academia traçou em 1988 o Elogio Histórico de Manuel Heleno, merecendo significativa resposta, na condição de recipiendário, por parte de Joaquim Veríssimo Serrão (CASTELO-BRANCO, 1970; 1988; SERRÃO, 1988); João L. Saavedra Machado, na sua “História do Museu Etnológico do Dr. Leite de Vasconcelos” (MACHADO, 1965), e Manuel Farinha dos Santos, a quem tive a honra de suceder na Cadeira n.º 9 que fora sua, que se debruçou igualmente sobre o contributo de Manuel Heleno para a Arqueologia portuguesa no âmbito dos trabalhos desta nossa Academia (SANTOS, 1987).

Em 2013 vieram a lume duas monografias em boa hora publicadas pela Imprensa Nacional/Casa da Moeda e Museu Nacional de Arqueologia, a saber, “Manuel Heleno pioneiro do

ensino e da investigação arqueológica em Portugal (1923-1964), cujo editor científico foi o signatário, e que teve como co-autores Luís Raposo, Nuno Bicho e Carlos Fabião, que se ocuparam das diversas facetas da vertente pedagógica e arqueológica do biografado (CARDOSO, ed., 2013) e “Manuel Heleno Fotobiografia”, de Alice Borges Gago, Carla Martinho e Luís Raposo, que traça com base iconografia o percurso de Manuel Heleno (GAGO; MARTINHO & RAPOSO, 2013).

Ainda naquele mesmo ano de 2013 o signatário publicou artigo de síntese da documentação utilizada para a monografia que coordenou e editou (CARDOSO, 2013). Deste modo, a personagem que será objecto desta comunicação já não se encontra, como até há bem pouco tempo, envolta em mistério, embora a sua personalidade e as particularidades da sua actuação, ditadas pelas circunstâncias do seu longo exercício à frente do então designado Museu Etnológico Português e como Professor de Arqueologia ainda se não encontrem suficientemente conhecidas.

## **PERCURSO ACADÉMICO E PROFISSIONAL**

O percurso académico e profissional de Manuel Heleno é simples e linear:

Julho de 1923 – Assistente provisório de Arqueologia da Universidade de Lisboa, sob proposta de José Leite de Vasconcelos, em regime de acumulação com o cargo de Conservador do Museu Etnológico e de Professor efectivo do Ensino secundário (Liceu de Passos Manuel, em Lisboa). Leccionou desde então e até à jubilação, ocorrida em 10 de Novembro de 1964 diversas disciplinas, como Paleografia e Numismática; Arqueologia; Epigrafia; História de Portugal; História dos Descobrimentos e da Colonização Portuguesa. Destas, apenas manteve ao longo dos anos esta última disciplina, a par da de Arqueologia, a que se somou a partir de meados da década de 1950, a de Pré-História.

Julho de 1930 – Contratado Prof. Auxiliar da FLUL, que por inerência lhe conferia a direcção do ME, substituindo assim definitivamente José Leite de Vasconcelos (1858-1941), atingido pelo limite de idade para o exercício de funções públicas. Julho de 1933 – Prestou provas de doutoramento na Universidade de Lisboa, com a tese “Os escravos em Portugal” de que não foi publicado apenas o primeiro volume (HELENO, 1933). Trata-se de obra inovadora, interessando temática até então quase desconhecida em Portugal, e que só recentemente conheceu novos desenvolvimentos.

Julho de 1933 – Provido no lugar de professor catedrático, por decisão unânime do Júri, funções que viria a desempenhar em continuidade até 10 de Novembro de 1964, dia em que se jubilou, apresentando na FLUL a sua última lição (Fig. 1). Esta efeméride justificou a evocação do dia de hoje, feita nesta Academia de que foi Vice-Presidente.



Fig. 1 – Última lição de Manuel Heleno, proferida a 10 de Novembro de 1964 na Faculdade de Letras de Lisboa. Negativo do Arquivo do Diário de Notícias.

Na ascensão fulgurante de Manuel Heleno na Faculdade de Letras de Lisboa teve influência decisiva José Leite de Vasconcelos, seu discípulo dilecto, no domínio dos estudos arqueológicos e etnográficos, tendo-lhe sucedido à frente do Museu Etnológico Português por aquele fundado e de que fora o primeiro Director, desde 1893.

Entre 1959-1964 (data da jubilação), Manuel Heleno foi Director da Faculdade de Letras, num período particularmente conturbado, coincidindo primeiro com a transferência de instalações do edifício da Academia das Ciências de Lisboa para a Cidade Universitária, e depois com a crise académica de 1962, na qual se envolveram muitos estudantes da sua Faculdade. Sem rejeitar as funções em que estava investido, não se lhe conhece qualquer atitude política exceptuando a recusa da pasta da Educação Nacional, para a qual terá sido por duas vezes convidado por Salazar, conforme testemunho de seu filho (HELENO, 2013, p. 14).

Alguns documentos do seu Processo Individual existente na Secretaria da Faculdade de Letras de Lisboa, já publicados (FABIÃO, 2013), testemunham as vicissitudes a que poderiam estar sujeitos os professores que desenvolviam a sua investigação no campo, explicáveis pela existência na altura de um ambiente político instável, especialmente no Alentejo. É o que se conclui pelo ofício que o Director da Faculdade de Letras se viu obrigado a dirigir ao Director da PVDE, a 24 de Dezembro de 1943 (Fig. 2), que teve resposta a 7 de Janeiro de 1944 (Fig. 3), solicitando informações e não se pronunciando sobre a autorização pretendida.

Ex.mo Sr.

768 Director da Policia da Vigilancia e Defesa do Estado

LISBOA

Os professores catedráticos desta Faculdade, Doutores Manuel Domingues Heleno Junior e Orlando de Cunha Ribeiro, tem sido por vezes temporariamente impedidos de realizarem os seus trabalhos de investigação científica, o primeiro em pesquisas arqueológicas e o segundo em estudos de Ciências geográficas, por estes de officio de muito digna direcção de V. Exa.

Rogo, por isso, a V. Exa se dignar mandar passar qualquer documento que facilite a estes professores, quando se encontrarem em investigações no campo, a sua actuação científica.

Aproveito a oportunidade para apresentar a V. Exa os meus cumprimentos.

A Bem da Nação

Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, em 24 de Dezembro de 1943.

O Director,

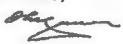


Fig. 2 – Ofício dirigido pelo Director da Faculdade de Letras de Lisboa ao Director da PVDE relativo aos Professores Manuel Heleno e Orlando Ribeiro datado de 24 de Dezembro de 1943. Secretaria da Faculdade de Letras de Lisboa. Processo Individual de Manuel Heleno (in CARDOSO, ed., 2013, Fig. 35).

POLICIA DE VIGILANCIA E DEFESA DO ESTADO

SERVIÇO DA REPÚBLICA

Ex.mo Sr. Director da Faculdade de Letras da Universidade de LISBOA

Assim de poder satisfazer o solicitado em officio No. 768 - L. S. de 24 de Dezembro findo, rogo a V. Exa. se dignar concretizar quais os serviços e locais onde deseja actuar em pesquisas arqueológicas e estudos de ciências geográficas, os professores catedráticos referidos no supra citado officio de V. Exa.

A Bem da Nação

Lisboa, Serviços de Informação e Ligação, 7 de Janeiro de 1944

PELO DIRECTOR,



BR/LA -

MOB. 68 - 2000 cl.

Fig. 3 – Ofício dirigido pela PVDE ao Director da Faculdade de Letras de Lisboa relativo aos Professores Manuel Heleno e Orlando Ribeiro, datado de 7 de Janeiro de 1944. Secretaria da Faculdade de Letras de Lisboa. Processo Individual de Manuel Heleno (in CARDOSO, ed., 2013, Fig. 36).

## O ENSINO DA ARQUEOLOGIA E DA PRÉ-HISTÓRIA NA FLUL

A cuidada preparação das aulas que Manuel Heleno leccionava da Faculdade de Letras de Lisboa, era até 2013 menosprezada ou mesmo vilipendiada por parte de detractores, muitos dos quais não foram seus alunos. A falta de fundamento de essa pretensa realidade ficou definitivamente demonstrada pela publicação das fichas lectivas que Manuel Heleno preparava cuidadosamente, as quais, tendo sido adquiridas pelo signatário a um livreiro-alfarrabista de Lisboa em 1998, estiveram na origem dos estudos ulteriormente realizados. Tais fichas foram doadas ao Museu Nacional de Arqueologia, em cerimónia pública ulteriormente ali efectuada. Na verdade, a faceta de professor probo e cuidadoso com a permanente actualização das matérias, constituía realidade desde cedo evidenciada, encontrando-se ilustrada pelo Programa detalhado da disciplina de Arqueologia, elaborado em 1926/1927 (arquivo do Museu Nacional de Arqueologia) o qual foi sendo sucessivamente melhorado e aumentado até finais da década seguinte. Tal programa foi, inclusivamente, publicado pelo próprio, testemunho incontroverso de que levava a sério a tarefa de professor, desde os primórdios da sua carreira (HELENO, 19265/1926).

Para tal, Manuel Heleno recorreu, sempre que possível à colaboração dos melhores pré-historiadores mundiais. No ano lectivo de 1941/1942, o padre Henri Breuil, Membro do Instituto e professor no Colégio de França, acolhido pelo nosso País durante cerca de 17 meses, entre Abril de 1941 a Novembro de 1942, leccionou na Faculdade de Letras de Lisboa, a convite de Manuel Heleno, a disciplina de Pré-História, de que se conhecem apontamentos manuscritos de Virgínia Rau (Fig. 4), então sua aluna. As aulas de Breuil em Lisboa, propiciadas por um ambiente sereno e fecundo, contrastando com o da Europa em guerra, deram origem ao célebre livro editado pela Payot,

em Paris, no ano de 1951, “Les Hommes de la Pierre Ancienne” em co-autoria com Raymond Lantier. Verifica-se que Heleno não tinha receio da concorrência, mesmo da melhor, que soube apoiar e promover sem complexos e muito menos de forma mesquinha. É de sua autoria um testemunho sobre o notável pré-historiador francês, escrito ainda em vida do homenageado, que bem ilustra o sentimento de desinteressada admiração que lhe dedicava (HELENO, 1956 a).

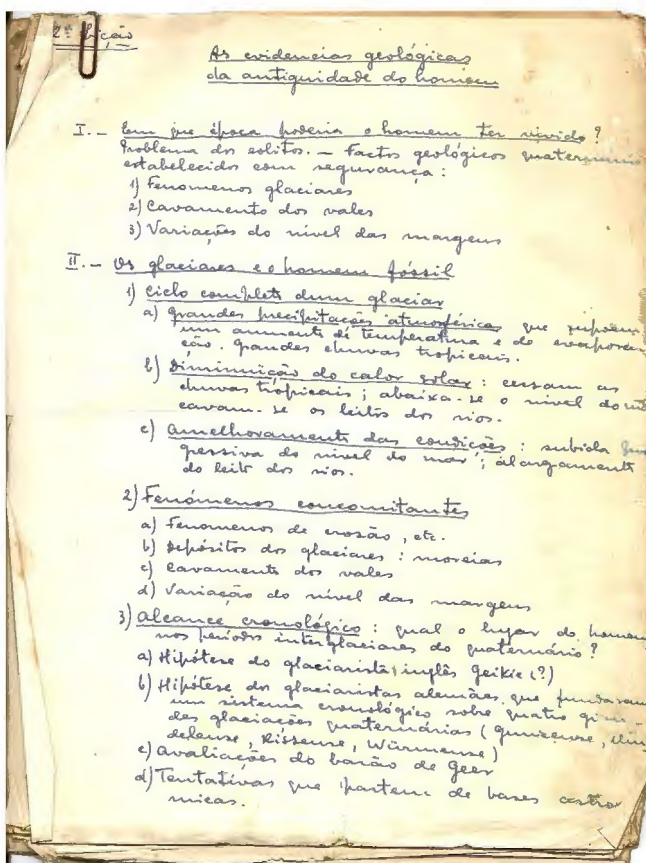


Fig. 4 – Página do manuscrito de Virgínia Rau, respeitante aos apontamentos tirados nas aulas de Henri Breuil leccionadas na Faculdade de Letras de Lisboa no ano lectivo de 1941/1942 no âmbito da discipline de Pré-História, de que foi professor. Arquivo de João Luís Cardoso.

Mais tarde, estive na origem da contratação do Prof. Scarlat Lambrino, grande latinista, refugiado romeno, para, no período do pós-guerra e até à sua jubilação, ensinar a disciplina de Epigrafia, de que era mestre incontestado. Enfim, a presença de eminentes arqueólogos e Professores universitários de passagem por Lisboa, era aproveitada por Manuel Heleno, que os convidava a proferir conferências na Faculdade de Letras de Lisboa: é o caso do seu amigo e eminente pré-historiador Pedro Bosch-Gimpera, refugiado político do Franquismo na Cidade do México e que depois se recusou a voltar a Espanha enquanto o regime se mantivesse, de quem fez a saudação numa das suas vindas a Lisboa (HELENO, 1962 a).

A actualização das matérias leccionadas na disciplina de Arqueologia evidencia-se também nas fichas elaboradas a partir do ano de 1948/1949 e até 1964, tal como na de Pré-História, a partir de 1953/1954 (Fig. 5), transcritas na íntegra (CARDOSO, ed., 2013) está bem evidenciada em diversos exemplos, de que se assinalam os seguintes:

cultura caprese. O desig. A 1948-49  
 reconhecimento tribal do paleol. superior.  
 - Os estudos em R. maior. Descobertas  
 de perpendicular, Solitudo e grimal  
 de um e talvez medallones  
 - A ruína das antigas teorias (1)  
 Antropométricas  
 3.0 Problema do mesolítico (Museu Nacional)  
 O dit. caprese de Nuge. A origem  
 superior do povo pontepi. Fina. Reconstr.  
 Escavações em Rio maior. Povo. n.  
 que o tardenaisismo de Nuge se filia  
 na no paleol. sup. de upad (Gri-  
 maldupe) e Contra-uno em Nuge. Ous  
 \* Características do mesolítico  
 4. - Mesol. e evol. Origem:  
 do cambriniano e de  
 a) Reconhecimento do mesol. povo e  
 b) Reconhecimento de evoluções dolmenicas  
 c) Origem oriental dessa civilização  
 - He mesol. povo? mesol. ou mesol. critérios a det.  
 As escavações do S. Chorro. As conclusões:  
 Os dolmens pré-históricos não são uma  
 adaltracão dos antedegados. Encontram-  
 se misturados, 2 povos de mesma cultura  
 cronologicamente m.ª distanciam.  
 - Relações deste material com o  
 das grutas artificiais: Carque Er  
 mezeira, Povo Vedra (in expl.) Lúria das Lages.

Fig. 5 – Ficha da disciplina de Arqueologia (1948/1949), contendo parcialmente o programa professado, onde apresenta desenvolvidamente os resultados das suas investigações arqueológicas tanto em Rio Maior como no Alentejo. Arquivo Museu Nacional de Arqueologia (oferta de João Luís Cardoso).

- 1 – As técnicas de prospecção, com recurso aos métodos geoquímicos e geofísicos, então ainda inéditos entre nós, bem como as técnicas de escavação adaptadas caso a caso: “as escavações pré-históricas representam a alta cirurgia das escavações”, escreveu em ficha de 1948/1949;
- 2 – A importância concedida aos novos métodos de datação, como o carbono 14, já mencionado em 1953/1954, menos de cinco anos depois de o método ter sido desenvolvido experimentalmente pelo norte-americano Willard Libby, que lhe valeu o Nobel da Química em 1960;
- 3 – O uso da fotografia aérea, a que recorreu logo na década de 1930 quando escavou a necrópole visigótica de Silveirona, bem como o recurso sistemático à fotografia de terreno, desde as suas primeiras escavações arqueológicas;
- 4 – A introdução da arqueologia subaquática, posta em prática pela primeira vez, por sua iniciativa, no estuário do Sado defronte das ruínas romanas de Tróia, nos finais da década de 1950 e no litoral algarvio (Quarteira), por via da colaboração estabelecida com o Centro Português de Actividades Subaquáticas (CPAS);
- 5 – A importância dada à compreensão dos fenómenos que presidiram à formação dos sítios arqueológicos, bem como os métodos utilizados para a reconstituição paleoambiental dos mesmos (estudos faunísticos, polínicos e sedimentológicos por exemplo), transcendendo em muito o campo dos conhecimentos e até dos interesses imediatos de um estudante de Letras das décadas de 1940 ou 1950 em Portugal e antecedendo as orientações metodológicas introduzidas nos estudos arqueológicos, só efectivadas em Portugal a partir dos inícios da década de 1980. Foi, portanto um precursor esclarecido, cuja teoria e prática se alicerçava no conhecimento que detinha da informação científica actualizada ao mais alto nível.

Logo em 1950/1951, cita na bibliografia a obra seminal de André Leroi-Gourhan, “Les fouilles préhistoriques”, publicada naquele mesmo ano de 1950, e que passou a constituir um dos livros básicos do seu ensino, a que procurou atribuir um cunho prático, com aulas no Museu Etnológico e visitas obrigatórias a estações arqueológicas; a tal propósito, diria: “A Arqueologia não é uma ciência livresca, estática, erudita: o seu campo é toda a terra: serras e planícies, desertos e florestas; o seu arquivo a Natureza” (ficha 4 da disciplina de Arqueologia de 1950/1951);

A relevância atribuída às ciências naturais no campo dos estudos arqueológicos, que decorreu, em boa parte, da sua actualização científica, não o impediu de considerar a inclusão dos estudos arqueológicos, mesmo os de natureza ante-histórica, no campo das ciências históricas. Em 1953/1954, numa das fichas da disciplina de Arqueologia questionou essa dicotomia, para ele artificial: “Porquê esta separação da História e da Pré-História ? Falta-nos documentos escritos. Mas falam as pedras. Tudo vai em as compreender”.

- 6 – Enfim, a História da Arqueologia ocupa parte importante das matérias leccionadas, facto que merece destaque pelo seu pioneirismo, mesmo a nível europeu, numa altura em que esta área disciplinar era apenas abordada como preâmbulo a obras de síntese ou de grande fôlego. Congregando saberes de diversa origem, soube apresentar de forma atraente, susceptível de melhor enquadrar a realidade arqueológica portuguesa do seu tempo. E não ignorou a importância da Academia Real da História Portuguesa nessa matéria, referindo os trabalhos de Martinho de Mendonça de Pina e de Proença no tocante às antas, objecto de uma comunicação à Academia do próprio (MENDONÇA, 1933), a par dos contributos do marquês de Abrantes e de Jerónimo Contador de Argote no respeitante ao Período Romano.

## PRINCIPAIS CONTRIBUTOS CIENTÍFICOS

A notável síntese de 1956, “Um quarto de século de século de investigação arqueológica” constitui o mais prodigioso repositório de informação alguma vez reunido por um único arqueólogo trabalhando deliberadamente de forma isolada (HELENO, 1956 b). Por ela se pode concluir, com exemplos concretos fornecidos pelo próprio, que em todos os principais períodos da história humana abrangidos no seu tempo pela Arqueologia (A Arqueologia Medieval e de épocas mais recentes não era então valorizada), Manuel Heleno prestou relevantes contributos, por via de intervenções arqueológicas por si realizadas em estações-chave do território português. Assim:

- 1 – No respeitante ao Paleolítico superior e à sua transição para o Mesolítico, as escavações efectuadas no Abrigo Grande das Bocas, Rio Maior, com evidente valorização da sua estratigrafia (Fig. 6) comprovaram a ausência de influências africanas, na época invocadas por eminentes pré-historiadores, como Mendes Corrêa (e o seu *Homo afer taganus*, dos concheiros mesolíticos de Muge), e além fronteiras, por Hugo Obermaier e Pedro Bosch-Gimpera, que admitiam a transposição do estreito de Gibraltar por populações de caçadores-recolectores do final do Plistocénico (Capsense, Aziliense), depois dispersas pela Península Ibérica;



Fig. 6 – Aspecto do Abrigo Grande das Bocas (Rio Maior), aquando das escavações realizadas na década de 1930, sob orientação de M. Heleno, evidenciando-se a sequência estratigráfica por ele considerada contínua entre o Paleolítico Superior final e o Mesolítico, o que deitava por terra a teoria da influência norte-africana no Mesolítico português e peninsular, defendida então por diversos arqueólogos. Imagem do Arquivo M. Farinha dos Santos cedida por João Luís Cardoso.

2 – No que tocava à então designada Cultura megalítica portuguesa, coube a Manuel Heleno a demonstração da sua antiguidade, considerando como origem possível o centro interior e o norte do território português (no que parece estar certo), correspondendo-lhe os dólmenes de camara poligonal sem corredor com indústrias líticas arcaicas, como os de Carrazeda do Alvão, Vila Pouca de Aguiar, a que se juntaram depois outros, com destaque para o monumento de Antelas, Oliveira de Frades, visitado por si aquando da sua escavação, por uma equipa dos Serviços Geológicos de Portugal, em 1957. Bastava este contributo de Manuel Heleno, bem como a apresentação de elementos concludente para propor a evolução local do megalitismo, com base nas

escavações de centenas de dólmenes do Alentejo central e ocidental, efectuadas na década de 1930, para o colocar na galeria dos pré-historiadores europeus de primeiro plano do seu tempo, alguns dos quais nessa altura o visitaram, como Hugo Obermaier, e Georg Leisner, acompanhado de sua esposa, Vera, ainda desconhecida no campo da Arqueologia (Fig. 7). Na verdade, Manuel Heleno estava ciente da importância das suas descobertas sobre o fenómeno megalítico no território alentejano e com a publicitação ao mais alto nível internacional das suas descobertas, pretendia que estas fossem devidamente discutidas e valorizadas, no contexto da Pré-História europeia de que faziam parte integrante (MELO & CARDOSO, 2018).



Fig. 7 – Manuel Heleno com Hugo Obermaier e Georg Leisner, aquando da exploração na década de 1930 das antas alentejanas, na Herdade do Azinhal (Coruche), fotografados por Vera Leisner. Arquivo Leisner/Instituto Arqueológico Alemão/Delegação de Madrid (negativo D-DAI-MAD-LEIV-LEI-03-028).

Com efeito, cruzando tipologias de arquiteturas e de espólios funerários, propôs uma evolução *in loco* para tais monumentos, quando, ainda na década de 1940, eminentes pré-historiadores europeus, como Glyn Daniel, julgavam que os dólmenes do ocidente peninsular eram pobres imitações das sepulturas micénicas do tipo *tholos* da Idade do Bronze (DANIEL, 1941), teoria que a revolução do radiocarbono, pouco depois, veio inviabilizar. Esta conclusão foi na década de 1950 cabalmente comprovada por Georg e Vera Leisner no concelho de Reguengos de Monsaraz, aquando da escavação dos dólmenes de Comenda e de Farisoa, aos quais se encostaram mais tarde dois sepulcros de falsa cúpula, prova de que seriam forçosamente mais modernos do que os megálitos adjacentes (LEISNER & LEISNER, 1951).

A propósito, importa sublinhar que a presença em Portugal no decurso da II Guerra Mundial deste casal de arqueólogos alemães foi também apoiada por Manuel Heleno, como aliás acontecia com a generalidade dos arqueólogos estrangeiros que visitavam Portugal, sempre numa base de igualdade, jamais de subserviência, como era então frequente. Tal é a realidade que se encontra espelhada nas dedicatórias apostas em muitos dos trabalhos que lhe foram oferecidos (Fig. 8).



- 3 – No que respeita à Arqueologia Histórica são de referir as escavações realizadas no Cabeço de Vaiamonte, Monforte, bem como as efectuadas na cidade industrial romana de Tróia, Grândola (Fig. 9), que tiveram o seu contraponto no interior do território, com as explorações realizadas na *villa* de Torre de Palma, Monforte (Fig. 10) (HELENO, 1962 b), indispensáveis para o conhecimento da economia, a um tempo mercantil e agrícola, da Lusitânia romana e das relações estabelecidas previamente entre Romanos e indígenas aqui instalados.



Fig. 9 – Manuel Heleno no decurso das escavações em Tróia, em amena conversa com trabalhador. Anos 50/60. Imagem do Arquivo M. Farinha dos Santos pertencente a João Luís Cardoso.



Fig. 10 – “Mosaico das Musas”, da *villa* romana de Torre de Palma (Monforte), reproduzido em postal do Museu Nacional de Arqueologia editado na época de Manuel Heleno. Arquivo João Luís Cardoso.

4 – Muitas outras intervenções arqueológicas de primeira importância de Manuel Heleno poderiam ser referidas, como as que conduziu nos concheiros mesolíticos do vale do Sado (Fig. 11), por ele explorados em final de carreira, no decurso da segunda metade da década de 1950 e da primeira metade da década seguinte, com o intuito de obter elementos de comparação com os célebres concheiros de Muge, celebrizados internacionalmente aquando da realização em Lisboa da IX Sessão do Congresso Internacional de Antropologia e de Arqueologia Pré-Histórica, em 1880 (CARDOSO, 2019).



Fig. 11 – Vista parcial da escavação realizada em 1960 no concheiro mesolítico de Poças de São Bento (Alcácer do Sal). Imagem do Arquivo M. Farinha dos Santos cedida por João Luís Cardoso.

5 – Na esteira do seu mestre, José Leite de Vasconcelos, Manuel Heleno considerava que as raízes do povo português remontavam às populações dolménicas, senão mesmo a populações anteriores, como teve oportunidade de declarar em entrevista ao Diário de Notícias aquando da sua jubilação, a 11 de Novembro de 1964, por certo entusiasmando com a então recente descoberta da gruta do Escoural, em Montemor-o-Novo, onde interveio activamente, a par do então Assistente Dr. Manuel Farinha dos Santos, que continua a ser a única gruta do território português com pinturas e gravuras paleolíticas (SANTOS, 1964).

6 – Enfim, como museólogo, e na qualidade de Director do Museu Etnológico Português, procuro a reorganização das colecções, com a aquisição de novo mobiliário

(MACHADO, 1965), preocupando-se também com a defesa e valorização desta instituição salvaguardando o seu futuro, devendo-se-lhe a concepção do programa da sua instalação na Cidade Universitária, em instalações construídas de raiz, estudo que publicou já depois da jubilação (HELENO, 1965) e cuja concretização as circunstâncias da época vieram inviabilizar até hoje.

## EPÍLOGO

Manuel Heleno foi sem dúvida o mais activo e eclético arqueólogo do seu tempo, e de longe o melhor informado de todos eles, por via não só dos trabalhos de campo que realizou, mas também dos conhecimentos adquiridos na bibliografia especializada, por ele amiúde consultada em virtude da preparação das suas lições; tais conhecimentos foram ao longo do tempo potenciados pelo convívio com os arqueólogos mais eminentes que visitavam o Museu por ele dirigido ou a quem apoiava aquando da sua prmenência mais ou neos prolongada entre nós, como foi o caso de Henri Breuil, em 1941/1942.

Apesar da sua intensa vida científica, sempre norteado pela Arqueologia, Manuel Heleno não publicou a obra monumental que deveria ter imposto a si próprio, tal a importância dos dados por ele em primeira mão coligidos e literalmente por si resgatados à terra. Assoberbado por funções oficiais, só tardiamente, depois da jubilação, procurou recuperar o tempo perdido. Os seus alunos foram, por muitos anos, praticamente os únicos destinatários das suas investigações de campo e das conclusões de grande alcance a que ia chegando. Foi pena que não tivesse havido um compilador para registar o muito que transmitiu nas suas lições, excepção feita, no campo do megalitismo, à sua então discípula, e depois Assistente, Dr.<sup>a</sup> Irisalva Moita, que acabou por publicar em nome próprio, o resultado das relecções que ouviu do Mestre,

conjugadas com as suas próprias observações (MOITA, 1956, 1966), cujos resultados foram generosamente propiciados por quem esteve também na origem da sua publicação. Dificuldades então criadas por terceiros no campo da Arqueologia, talvez temerosos da sombra que Manuel Heleno ainda lhes poderia fazer, mesmo afastado do serviço activo, impediram que concretizasse, ao menos parcialmente, aquele propósito de publicar o seu acervo científico acumulado ao longo de décadas.

Mas os resultados das suas escavações e investigações, sobretudo após a compra pelo Estado através do Museu Nacional de Arqueologia, em 1998, dos seus célebres cadernos de campo – que alguns dos seus detractores admitiam mesmo que nunca tivessem existido – passaram, com intensidade, a ser utilizados por muitos jovens mestrandos e doutorandos que, assim, inadvertidamente, se constituíram como os mais consequentes e úteis continuadores de Manuel Heleno.

## REFERÊNCIAS

- CARDOSO, J. L. (2013) – Manuel Heleno (1894-1970) o arqueólogo e o professor universitário à luz de documentação inédita. *Al-Madan*. Almada. Série III, 18, p. 146.
- CARDOSO, J. L. ed. (2013) – *Manuel Heleno pioneiro do ensino e da investigação arqueológica em Portugal (1923-1964)*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia/Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- CARDOSO, J. L. (2019) – A investigação da antiguidade do Homem no Portugal de Oitocentos. *Memórias da Academia das Ciências de Lisboa. Classe de Ciências*. Lisboa. 46, p. 201-220.
- CASTELO-BRANCO, F. (1970) – Subsídios para o Estudo da Actividade Científica do Prof. Manuel Heleno. *Ethnos*. Lisboa. 7, p. 6- 30.
- CASTELO-BRANCO, F. (1988) – *Elogio do Prof. Doutor Manuel Heleno*. Lisboa: Academia Portuguesa da História.
- DANIEL, G. (1941) – The dual nature of the megalithic colonisation of prehistoric Europe. *Proceedings of the Prehistoric Society*. Cambridge. N. S., 7, p. 1-49.
- FABIÃO, C. (2013) – O professor universitário visto através do seu processo individual da Faculdade de Letras de Lisboa. In CARDOSO, J. L., ed., *Manuel Heleno pioneiro do ensino e da investigação arqueológica em Portugal (1923-1964)*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia/Imprensa Nacional-Casa da Moeda, p. 63-71.
- GAGO, A. Borges; MARTINHO, C. & RAPOSO, L. (2013) – *Manuel Heleno. Fotobiografia*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia.
- HELENO, M. (1933) – *Os escravos em Portugal*. Lisboa: Tipografia da Empresa do Anuário Comercial.
- HELENO, M. (1956 a) – O Professor Henri Breuil. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. N.S., 3, p. 239-246.
- HELENO, M. (1956 b) - Um quarto de século de investigação arqueológica. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. N. S., 3, p. 221 -237.
- HELENO, M. (1956 b) – Um quarto de século de investigação arqueológica. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. N. S., 3, p. 221-237.

- HELENO, M. (1962 a) – Bosch Gimpera. Saudação proferida pelo Prof. Manuel Heleno no início da Conferência na Faculdade de Letras de Lisboa pronunciada, em 22 Mar. 1961, pelo Prof. Bosch Gimpera. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. N. S., 4, p. 309-311.
- HELENO, M. (1962 b) – A *Villa* lusitano-romana de Torre de Palma (Monforte). *O Arqueólogo Português*. Lisboa. N. S., 4, p. 313- 338.
- HELENO, M. (1965) – Programa para a instalação do Museu Etnológico do D. or Leite de Vasconcelos na Cidade Universitária. *Ethnos*. Lisboa. 4, p. 63-74.
- HELENO, M. [s.d.] – *Algumas palavras sobre Leite de Vasconcelos*. Lisboa : Edição do Autor.
- HELENO, M. H. Domingues (2013) – Notas soltas. In GAGO, A. B.; MARTINHO, C. & RAPOSO, L., *Manuel Heleno fotobiografia*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia/Imprensa Nacional-Casa da Moeda, p. 11-15
- HELENO, Manuel (1925/1926) – Lição inaugural da cadeira de arqueologia. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. 27, p. 183-193.
- LEISNER, G. & LEISNER, V. (1951) – Antas do concelho de Reguengos de Monsaraz. Lisboa: Instituto para a Alta Cultura.
- LEROI-GOURHAN, A. (1950) – *Les fouilles préhistoriques (techniques et méthodes)*. Paris: Éditions A. et J. Picard et C.ie.
- MACHADO, J. L. Saavedra (1965) – Subsídios para a história do Museu Etnológico do Dr. Leite de Vasconcelos. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série II, 5, p. 51-448.
- MELO, A. Ávila de & CARDOSO, J. L. (2018) – An Englishwoman in the Alentejo: Edith Guest and the Study of Megalithism in Portugal in the 1930s. *The Antiquaries Journal* . London, p. 1-17.
- MOITA, I. (1956) – Subsídios para o estudo do eneolítico do Alto Alentejo. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. N.S., 3, p. 135-175.
- MOITA, I. (1966) – Características predominantes do grupo dolménico da Beira Alta. *Ethnos*. Lisboa. 5, p. 189-298.
- Processo Individual do Professor Manuel Domingues Heleno Júnior*. Arquivo da Secção de Pessoal da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa
- SANTOS, M. Farinha dos (1964) – Vestígios de pinturas rupestres descobertos na gruta do Escoural. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. N. S., 5, p. 5-49.

SANTOS, Manuel Farinha dos (1987) – Os estudos de Pré-História e Arqueologia na Academia Portuguesa da História. *Anais. Cinquentenário da Restauração da Academia*. Lisboa: Academia Portuguesa da História, p. 313-332.

SERRÃO, J. Veríssimo (1978) – Resposta. In *Elogio Histórico do Prof. Doutor Manuel Heleno*. Lisboa: Academia Portuguesa da História.